

## OPINIÃO

## OLIBERAL

FILIAL DA SOCIEDADE INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIP  
 ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS

**Presidente**  
**Lucidéa Batista Maiorana**

**Presidente Executivo**  
**Romulo Maiorana Jr.**

**Diretor Jurídico**  
**Ronaldo Maiorana**  
 (048-PA 8667)

**Diretora Administrativa**  
**Rosângela Maiorana Kzam**

**Diretora Comercial**  
**Rosemary Maiorana**

**Diretor Industrial**  
**João Pojucam de Moraes Filho**

**Diretor de Marketing**  
**Guarany Júnior**

**Diretor**  
**José Luiz Sá Pereira**

**Editor-Chefe**  
**Lázaro Moraes**

O LIBERAL é editado por  
**Delta Publicidade S/A**  
 CNPJ (MF) 04929683/0001-17.  
 Inscrição Estadual: Inerta.  
 Municipal: 032.632-5

**Administração, Redação,  
 Centro Tecnológico Gráfico,  
 Publicidade**

Av. Romulo Maiorana, 2473.  
 CEP: 66.093-005.  
 Telefone: 3216-1000.  
 Endereço Telegráfico: Jornal Liberal.  
 Belém, Pará, Brasil.

As opiniões emitidas em textos assinados são livre manifestação do pensamento de seus autores e não representam a opinião do jornal.

#### Sucursal Centro/ Centro-Oeste

Gerente Executiva:  
**Silvana Scorsin**

► Brasília-DF  
 SRTVN Q 701 CONJ. C.  
 Ed. Centro Empresarial Norte,  
 Bloco B, sala 432. Cep. 70.719-900.  
 Fone/fax (61) 3328-9394/3328-9396.  
 E-mail: sanab634@oz.com.br

#### Sucursal Sudeste/ Sul/Nordeste

Diretor:  
**Carlos Namur**

► São Paulo-SP  
 Edifício Iguaçu Office Building  
 Rua Iguaçu, 192  
 Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010  
 Fone/fax (11) 30733-450 / 1451 / 1453  
 e-mail: sucursalsudeste@oliberal.com.br

#### Preço do exemplar

**Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapiraca, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capinzal, Capim, Castanhal, Caxambú, Dom Elzeu, Igarapé-Miri, Itaipava, Itinga, Mito do Rio, Mito, Montenegro, Nova Timbótesa, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tucuruí, Uruará, Vigia, Vila Polpa e Vigia.

► Dias úteis R\$ 2,00  
 Domingo R\$ 4,00

**Zona II** - Almirante, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Pombal, Porto de Moz, Redenção, Sotera, Ourilândia do Norte, Tucuruí, Tucuruí, Uruará, Jurema, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.

► Dias úteis R\$ 2,50  
 Domingo R\$ 4,50

**Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.

► Dias úteis R\$ 3,00  
 Domingo R\$ 6,00

**Zona IV** - Demais Estados

► Dias úteis R\$ 4,50  
 Domingo R\$ 9,00

**Zona V** - Macapá

► Dias úteis R\$ 3,00  
 Domingo R\$ 6,00

#### Telefones de O LIBERAL

Reportagem:  
**3216-1138**  
 Assinaturas:  
**3204-6000**  
 Atendimento ao Assinante:  
**3216-1011**  
 Classificados:  
**3277-9200**  
 Comercial:  
**3216-1163 e 3216-1176**

## joséseráfico

### Prêmio e pena - ou quando o crime compensa

É lugar-comum afirmar-se em crise a democracia representativa. Qualquer iniciado na Ciência Política sabe disso, e o diz com todas as letras. Tal sentença é com frequência repetida por políticos profissionais, sobretudo quando têm diante de si os cidadãos de quem gostariam de receber votos. Eleitos, conduzem-se segundo os valores e práticas responsáveis pelo declínio da representatividade parlamentar.

Uma das causas (ou será consequência?) da perda de representatividade repousa na submissão da instituição parlamentar ao Poder Executivo. Em qualquer dos níveis da Federação, porque tem a chave do cofre, o chefe desse poder tem à sua disposição o voto de deputados, senadores e vereadores. Daí decorre a celeridade - nem por isso lisonjeira - expressão "ê dando que se recebe". Até que, como em Minas Gerais, depois em Brasília (e sabe-se onde mais...) chega-se ao mensalão.

Manobras destinadas a ampliar os mandatos dos detentores do Poder Executivo também concorrem para a existência de que trato. Ainda não está apagada da memória dos brasileiros a vergonhosa prática que assegurou dois mandatos sucessivos ao Presidente da República. O brilho acadêmico de Fernando Henrique Cardoso e a quase sempre correta análise do fenômeno político não o impediram de proceder como têm

**Ninguém se admire se, cassado como toda a população espera, Eduardo Cunha seja nomeado para algum Conselho de Ética no âmbito do Poder Executivo.**

procedido tantos outros políticos, por mais criticados.

Está-se, hoje, diante de mais um desses atentados contra as instituições republicanas e o sistema democrático. Por menos, como o conceberam vários filósofos e estudiosos da matéria, Montesquieu merecendo ser lembrado.

A conduta do Presidente da Câmara dos Deputados, por exemplo, desmida a realidade do vínculo entre o representante e os representados. Concorre, ainda mais, para revelar o declínio da democracia representativa, quando seria a hora de barrar a descida pela ladeira da legitimidade.

O deputado Eduardo Cunha, não contente em mentir aos seus pares (ou, talvez, porque assim os considere), utiliza manobras solertes, com a intenção de evitar a punição que sabe aplicável ao seu caso. O mais grave é a afronta quase cotidiana aos mais elementares preceitos da ética, ainda que a ética parlamentar - que alguns inquiram de incorrer em uma contradição de termos - tenha sido ferida.

Os desmentidos de Cunha, tíbios e repetitivos, encontram em seu facies a confirmação da patraíza. São palavras que não correspondem aos

registros encontrados, agora não apenas por adversários políticos interessados em sua desgraça. Órgãos oficiais de governos estrangeiros confirmam o que alega o Ministério Público brasileiro. Isso, porém, não encontra eco na consciência do Presidente da Câmara. Ao contrário, parece determinar a ele conduta ainda mais lesiva à democracia e à república: a pressão contra o Poder Executivo. A estratégia mais uma vez se baseia na falsa premissa de que todos são pares, parecendo-se umas com as outras as práticas a que se entregam, Legislativo e Executivo.

O pior de tudo é que fica transparente o esforço de uns darem cobertura aos outros, na expectativa de que nada acontecerá aos ladrões dos cofres públicos, desde que portem algum mandato popular.

Ninguém se admire se, cassado como toda a população espera, Eduardo Cunha seja nomeado para algum Conselho de Ética no âmbito do Poder Executivo. Ou se, apenas defenestrado da Presidência da qual um dia foi chamada Câmara Basba, lhe reste presidir a Comissão de Ética dessa Casa. Será o prêmio de consolação do deputado e a pena de enxovalhamento da democracia.

■ José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.  
 E-mail: jserafico@uol.com.br  
 jstbest1961@gmail.com

J.BOSCO



## ruiraiol

### Salvos pela grandeza da Terra

Quinhentos e dez milhões de quilômetros quadrados. Eis a extensão geográfica do planeta Terra. Não é um dos maiores do Sistema Solar, mas, suficiente para nos abrigar, para nos proteger sobretudo do seu principal habitante, o ser humano.

O tamanho do mundo é um fator determinante para a nossa preservação. Não fosse isso, e há muito teríamos sido dizimados por nossa própria espécie. A mente do ser humano é fantasiosa, carrega em si uma ilusão de conquista. Uma ideiazinha aqui, e somos levados a pensar que podemos conquistar o mundo rapidamente. Ilusão. Mesmo sendo uma mensagem de amor e tolerância, o cristianismo, por exemplo, ainda não percorreu toda a Terra, nada obstante esteja nessa missão há dois milênios.

Olhando a loucura do Estado Islâmico, e sua visão radical, xenofóbica e imperialista, vejo claramente essa fantasia da mente humana, de achar que o domínio da Terra é coisa fácil. Na verdade, até aqui, ninguém conseguiu dominar o mundo. Nabucodonosor, Ciro, Dario, Alexandre Magno, faraós e césores bem que tentaram, todavia, foram impedidos por forças além dos seus fortes exércitos. Lembro do memorável Anibal, das famosas guerras púnicas, entre Cartago e Roma. O lendário Anibal cruzou montanhas geladas, com elefantes e homens ávidos em derubar o rei das Sete Colinas. Porém, acabou vencido pela distância, pois, enquanto gastava tanto tempo para sitiar Roma, esta cercava o povo cartaginense no norte da África.

É impressionante que o nosso

**Somos salvos pela grandeza da Terra. Embora o avanço da tecnologia, continuamos autóctones, localizados num ponto fixo do planeta.**

pensamento sobre a Terra ignore a massa líquida que separa os continentes. Em nossa mente, parece-nos que se saíssemos andando agora, correríamos o mundo a pé. Engano. Dividindo a Terra estão os mares. Imensos. Assustadores. Grande região, as maiores do mundo, e que permanecem ainda como a porção mais desconhecida deste terceiro planeta solar. Mas, o Estado Islâmico acha que vai dominar tudo rapidamente. Vai nada. A conquista de uma ou duas cidades sírias não é nada. Ainda que dominasse áreas infinitamente maiores, fracassaria. O império mongol foi imenso, contudo, Genghis Khan encontrou fronteiras.

Somos salvos pela grandeza da Terra. Embora o avanço da tecnologia, continuamos autóctones, localizados num ponto fixo do planeta. Nada de onipresença. Podemos navegar pelo mundo inteiro através da Internet, mas, se quisermos ir mesmo, com alma e corpo, precisaríamos cruzar os mares que separam as nações. E não fazemos isto facilmente. Para cruzar fronteiras, precisamos de autorização. Passaporte. Visto. Permissão para nós e para quem nos transporta. Fantasia é achar que vamos dominar o mundo. Vamos não. As resistências são muitas, principalmente as distâncias físicas da Terra, que, embora atenuadas pela tecnologia, impedem-nos de viver na pele esse que omnipresente da

internet. Sabemos que o homem é o único ser ubíquo do planeta, isto é, só a gente tem a capacidade de sobreviver em qualquer canto do planeta. Podemos viver no deserto e na montanha. Floresta. Cidade. Calor. Frio. Viver em alta e baixa altitude. Sim, mas, para isso, precisamos empregar tempo nessa adaptação. O deslocamento na Terra não acontece numa linha reta, do ponto de vista do nosso organismo. Somos freados. Freados pelas distâncias, pelos desertos, pelos mares. Pela carne e pelo sangue. Para vencê-los, teremos de mudar de destino. Anibal, o Grande, espoeou disso ao cruzar cordilheiras, e seu exército não resistiu.

Graças a Deus, a Terra é grande! E essa distância é necessária. O ser humano nem sempre pode conviver. Mesmo no destino comum das prisões, às vezes é necessário o isolamento. Isto existe desde o começo. Abrimos o Gênesis, e lá está o homem sendo separado do Éden. E assim caminhamos por toda a História. O mar persiste como grande barreira natural dos povos. O mar explica a escravidão, o sucesso do tráfico de escravos, explica os sistemas econômicos. Quantos escravos morreram achando que poderiam voltar para casa! O mar explica as guerras, o sucesso e o fracasso do gênero humano. E isto não mudou. O mar continua lá, afastando protegendo, dificultando o trabalho de quem tem pressa em fazer o mal.

■ Ruiraiol é escritor.  
 www.ruiraiol.com.br

## Cai o risco de impeachment de Dilma

MURILLO DE ARAGÃO

Por conta de uma combinação de fatores, o risco de abertura de um processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff caiu de 50% para 40%. Os fatos que compõem a nova realidade são os seguintes:

1. O presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), não tomará qualquer decisão este ano sobre o assunto. Ele jogou a decisão para o ano que vem e, considerando seu interesse em sobreviver politicamente, aguarda o apoio do governo para não ser cassado. Portanto, qualquer decisão sobre o impeachment será tomada a partir dos desdobramentos que ele enfrentará na Comissão de Ética da Câmara por quebra de decoro parlamentar;

2. Não existe pressão popular suficiente para a abertura de processo. Os protestos perderam força e os movimentos pró-impeachment estão desmobilizados. A última manifestação, em 15 de novembro, foi um fracasso retumbante, mostrando que não há caldo de cultura nem crise econômica suficiente para gerar grandes manifestações;

3. A oposição, depois que se afastou de Cunha, também avalia que o assunto perdeu consistência e aguarda fatos novos para voltar à carga. Em especial, no que toca ao processo contra o deputado do Conselho de Ética;

4. O governo, ao evitar projetos importantes e aprovar, ainda que com dificuldade, que vetos da presidente fossem derrubados mostrou capacidade de articulação mínima suficiente para impedir que um processo de impeachment seja aberto em plenário (Continua...)

5. O Senado não deve dar andamento rápido à análise das contas do governo de 2014. É um tema que somente voltará à pauta após o carnaval. Até lá, salvo fato extraordinário, ficará meio adormecido;

6. Finalmente, o governo parou de falar em impeachment. Ao deixar de lado a questão, o governo contribuiu para reduzir a exposição do tema na mídia. A situação, no entanto, é de cautela. Primeiro, porque o pedido ainda está na mesa de Cunha. Sua decisão está condicionada ao processo que tramita contra ele no Conselho de Ética e ao encaminhamento dos partidos políticos quanto ao assunto, em especial o PT. Segundo, porque o apoio do governo no Congresso permanece frágil. As votações dos vetos revelaram índices alarmantes de infelizes na base aliada.

Outro aspecto que merece atenção é o comportamento da economia. Conforme já alertamos anteriormente, 2016 será um ano difícil. A previsão é que o desemprego supere a casa dos 10% e que a economia tenha uma retração de 3,5%. Esse cenário pode aumentar a insatisfação popular e motivar a volta de protestos nas ruas intensificando a pressão política contra a presidente.

#### MEENDES

O ministro Gilmar Mendes tomará posse na presidência do TSE em maio do ano que vem, fato que contribuirá para tenorizar o julgamento da investigação sobre a prestação de contas da campanha da presidente Dilma Rousseff de 2014.

Conhecido por suas críticas a determinadas práticas do Partido dos Trabalhadores, Mendes é autor do voto, aprovado pelo plenário, que pediu a desarquivamento do processo de impeachment do ministro um de seus mais ferrenhos adversários. Ao longo de sua tramitação, a ação acabou unificada ao agregar três outras de natureza semelhante.

A exemplo da análise das contas da presidente no TCU, a iniciativa é classificada como tentativa de golpe pelo governo. A oposição baseia-se em informações de delatores de que dinheiro de propina do escândalo da Petrobras serviu para financiar a chapa de Dilma Rousseff.

■ Murillo de Aragão é cientista político.